

A FILOSOFIA EM DISCUSSÃO

VOLUME 3

JOSÉ MEIRINHOS
VERA RODRIGUES
VÍTOR GUERREIRO
/EDS.

COLEÇÃO TA PRAGMATA

 PRAXIS

Título: A Filosofia em Discussão - Volume 3
Eds.: José Meirinhos, Vera Rodrigues e Vítor Guerreiro

Praxis - Centro de Filosofia, Política e Cultura
www.praxis.ubi.pt

LusoSofia: Press
Coleção: Ta Pragmata
Direção: José António Domingues e Olivier Féron
Design: Cristina Lopes

ISBN
978-989-654-902-2 (papel)
978-989-654-904-6 (pdf)
978-989-654-903-9 (epub)
Depósito Legal
509693/22

Tiragem: Print-on-demand

Universidade da Beira Interior
Rua Marquês D'Ávila e Bolama
6201-001 Covilhã. Portugal
www.ubi.pt

Covilhã, 2022

© 2022, Sociedade Portuguesa de Filosofia e Autores (para o respetivo texto).
© 2022, Universidade da Beira Interior.

A FILOSOFIA EM DISCUSSÃO

JOSÉ MEIRINHOS
VERA RODRIGUES
VÍTOR GUERREIRO
/EDS.

COLEÇÃO TA PRAGMATA

 PRAXIS

Índice

[Volume 1]

Introdução	13
— Comunicações convidadas	25
Luminosity and phenomenology João Branquinho	27
La razón cordial: antídoto contra la aporofobia, impulso para la democracia Adela Cortina	43
Sobre a essência e existência dos chamados “objetos ficcionais” Markus Gabriel	73
“Mais vale dois pássaros a voar do que um na mão” Maria Filomena Molder	109
— Homenagem a Artur Morão	151
Memorando da homenagem a Artur Morão António Amaral	153
Artur Morão, tradutor António Fidalgo	157
Artur Morão, a alegria do saber Américo Pereira	161
Artur Morão, tradutor agónico, atónico, espasmódico José Frazão Correia SJ	167

Agradecimento	175
Artur Morão	
Obras traduzidas ou revistas por Artur Morão	185
— Comunicações	195
O mistério do instante: kairologia e meta-cronologia em Vladimir Jankélévitch	197
José Manuel Beato	
The intertwining between history and fiction in Paul Ricœur's thought	219
Carlos F. D. Bubols	
Alien, Crisis, Home. Patočka's phenomenological critique of Eliade	329
Guelfo Carbone	
Objetividade e reflexão crítica em Thomas Nagel	261
Diogo Carneiro	
O campo gravitacional da melancolia segundo Tellenbach	281
Cláudio Alexandre S. Carvalho	
[Volume 2]	
A salvaguarda da mediação a partir de uma leitura crítica de Deleuze	13
Vasco Castro	
The epistemic status of philosophical intuition – what is the controversy?	33
Kamil Cekiera	

Francisco Suárez e a suficiência das categorias Mário João Correia	57
Teologia economica e soggettivazione democratica: il problema Michel Foucault Gianfranco Ferraro	77
Cultura e amadurecimento: E. Cassirer, D. Winnicott e a questão da construção de si Moisés Ferreira	99
Naturalized epistemology. Constructive empiricism as a case study Rodolfo Gaeta, Nélide Gentile and Susana Lucero	121
Saudades e queixumes Luís G. Soto	139
<i>Von Königsberg nach Konstanz</i> : on Kant's theory of aesthetic judgment and its possible updating by the Constance School Rômulo Eisinger Guimarães	157
Nietzsche: um conto de duas tragédias Paulo Alexandre Lima	173
Quem e como se conhece a si próprio? O problema do autoconhecimento nas obras atribuídas a Pedro Hispano Celia López Alcalde	195
Espinosa e a razoabilidade do gesto revolucionário João Diogo Loureiro	211
A noção de conhecimento no <i>Teeteto de Platão</i> Aurelio Oliveira Marques	229

The use of rational intuitions in philosophy in the context
of George Bealer's conception of intuition 249
Anna Mazurek

Kant e Arendt sobre a natureza do juízo moral 271
Luís Filipe Fernandes Mendes

[Volume 3]

Memória e inteligibilidade em Descartes 13
Edmilson Menezes

Será que há uma forma única de os humanos serem
humanos? (II.) O caso do animalista contra o neo-lockeano 35
Sofia Miguens

Linguagem técnica e ideologia: Martin Heidegger e a
"com-posição" ("*Ge-stell*") como tecnificação da linguagem 57
Ângelo Milhano

O virtual e a experiência estética do mundo 71
Carlos Bizarro Morais

Francis Hutcheson: la autonomía y especificidad de la belleza
absoluta y la belleza relativa del arte 93
Inés Moreno

A circularidade entre lei e história nos *Discorsi sopra la
prima Deca di Tito Livio* 115
Albano Pina

Condorcet, Holbach e Guyau: Reflexões sobre educação
e laicismo 135
Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

Nacionalismos e filosofia Henrique Jales Ribeiro	155
Pressuposições empíricas da ética das virtudes Rui Sampaio da Silva	177
Leituras ambientalistas da obra de Heidegger: uma análise crítica Bernhard Sylla	201
Contributos para uma aprendizagem experiencial na disciplina de Filosofia no Ensino Secundário João Augusto Vilela Teodósio	225
Sobre a consideração moral da natureza Maria José Varandas	247
Emergência das “novas práticas filosóficas” e seu interesse para a didática da filosofia no ensino secundário Joaquim Neves Vicente	269

Linguagem técnica e ideologia: Martin Heidegger e a “com-posição” (“*Ge-stell*”) como tecnificação da linguagem¹

Ângelo Milhano²

Abstract

Throughout this text we will try to demonstrate how, during the late modernity period, and under the subterfuge of the technical mode of thinking (which has meanwhile become the paradigm of modern thought), the way in which *Dasein* interprets the “world” has been transformed. We will try to understand how, by the functional transformation of language, the various ways in which “being” manifests itself to *Dasein* came to be reduced to an instrumental configuration that is

1. O presente texto resume o quinto capítulo da minha tese doutoral, intitulada *A Filosofia da Técnica como Hermenêutica: De Freud a Heidegger e Marcuse*. A tese foi defendida na Universidade de Évora, no dia 13 de Dezembro de 2018, e encontra-se disponível para consulta e *download* no Repositório Aberto da Universidade de Évora (<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/24624>), assim como nos Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (<https://www.rcaap.pt/>).

2. Investigador Integrado do Praxis: Centro de Filosofia e Cultura – Pólo da Universidade de Évora. Email: angelo.milhano@uevora.pt.

subjugated to the “power” of the essence of modern technology (*Ge-stell*). We shall try to demonstrate how, within the realm of modern technology, the fundamental ontological significance that language carries throughout generations, has been undermined in favor of a functional operationalization of its meaningful contents; a reduction of language to its configuration as an instrument – as a mere means of transmission of information –, progressively eliminating its poetical potential, i.e., its possibility of “bringing-forth”, by which “being” manifests itself to *Dasein*. In sum, I will try to demonstrate how “enframing” (*Ge-stell*) lies beneath the instrumentalization that technology has made of language, depriving it of its role as the “event” (*Ereignis*).

Keywords: Heidegger; language; *Ge-stell*; technology; ideology

Resumo

Ao longo deste texto tentarei demonstrar como, sob o subterfúgio da institucionalização do pensamento técnico na modernidade (que, entretanto, se tornou no paradigma que guia o pensamento), a forma como *Dasein* interpreta o “mundo” acabou por se transformar. Procurarei, sobretudo, compreender como, por via da transformação funcional da linguagem, as várias formas como o “ser” se manifesta ao *Dasein*, acabaram por ser reduzidas a uma configuração instrumental, ela própria subjugada ao “poder” inerente à essência da técnica moderna (*Ge-stell*). Tratarei de evidenciar como, no contexto de uma cultura cuja essência se encontra determinada pela tecnologia moderna, o significado ontológico fundamental que a linguagem carrega consigo ao longo de gerações, tem vindo a ser enviesado de acordo com os parâmetros impostos pela operacionalização funcional do seus conteúdos significativos; uma redução da linguagem à sua configuração como instrumento – como meio destinado à mera transmissão de informação –, eliminando, por essa via, e progressivamente, o seu potencial poético, i.e.,

a sua possibilidade de “trazer-à-presença”, pela qual o “ser” se manifesta ao *Dasein*. Em suma, procuro demonstrar como a “com-posição” (*Ge-stell*) potencia a instrumentalização que tem vindo a ser feita da linguagem, privando-a do seu papel enquanto “acontecimento-de-apropriação” (*Ereignis*).

Palavras-Chave: Heidegger; linguagem; com-posição; técnica, ideologia

1 — Martin Heidegger e a essência da técnica moderna como o problema da modernidade

O texto heideggeriano de 1954 *A Questão Acerca da Técnica*, apresenta-se como um dos textos fundadores da Filosofia da Técnica/Tecnologia contemporânea e, simultaneamente, como um dos textos mais importantes da crítica filosófica da modernidade proposta por Martin Heidegger. Neste texto, Heidegger estabelece uma distinção ontológica entre aquela que interpreta como a essência da técnica tradicional e a essência da técnica moderna, partindo, para tal, do modo como através de cada uma delas, as essências dos entes vêm a ser “desencobertas”. A essência da técnica tradicional é compreendida por Heidegger como um “desencobrimento” que leva a cabo um “pôr-em-obra” *poiético* (ποίησις/*poiésis*), pelo qual as essências dos entes se vêm mostrar na sua verdade (λήθεια/*aletheia*). Já a essência da técnica moderna é compreendida por Heidegger como “com-posição” (*Ge-stell*)³, como um modo provocador do “desencobrimento” que se impõe sobre os entes, provocando as suas essências de forma a que se mostrem

3. Apropriamo-nos aqui da tradução do termo heideggeriano *Ge-stell* por “com-posição”, tal como é proposto por Irene Borges Duarte (2014: 163-208).

como energias, recursos, ou matérias-primas, dispostas sob um “fundo-consistente” (*Bestand*) para um uso/utilidade. Tal como indica Irene Borges-Duarte a este respeito (2014: 175),

Gestell significa, portanto e numa primeira análise, um com-posto que com-põe uma multiplicidade convertendo-a num conjunto unitário e coeso. É, por um lado, um *produto* – adequado ao serviço requerido pelo *ser-no-mundo* –, mas, por outro lado, produz por sua vez uma configuração, imagem da ordem ou racionalidade humanas, que dá-imagem às coisas dispostas ao serviço dessa racionalidade e das suas razões.

Enquanto “com-posição”, a essência da técnica moderna manifesta uma orientação funcional intrínseca, pela qual as essências dos entes são “desencobertas” de acordo com o seu potencial enquanto recursos, assim determinados por uma funcionalidade que é sobre eles imposta. A “com-posição” distingue-se, desta forma, do caráter “*poiético*” da essência da técnica tradicional, pela qual as essências dos entes são “trazidas-à-presença” na sua verdade, i.e., no seu “ser”.

De acordo com a interpretação heideggeriana da essência da técnica moderna, e muito embora esta se manifeste ainda como um modo de “desencobrimento”, à “com-posição” falta-lhe, contudo, o “cuidado” (*Sorge*) que caracteriza a técnica tradicional enquanto arte. Construindo por esta via, e desde logo, uma crítica da modernidade tardia, a “com-posição” constitui-se, para Heidegger, como o traço mais característico do pensamento ocidental moderno, e sobre o qual a “verdade” surge concetualizada, não como aquilo que, ao estar encoberto na natureza, incita ao seu “desencobrimento” – ao modo *poiético* e originário de *aletheia* –,

mas antes, como o resultado da provocação técnica do “mundo-em-torno”. “Com-posição” constitui, assim, um modo provocador de “desencobrir” as essências sob um “fundo-consistente”, no qual Heidegger encontra também aquele que vem definir como o maior “perigo” que a filosofia terá que enfrentar na modernidade. Pois que,

[o] ser humano mantém-se tão decididamente na sua subser-viência para com a provocação dimanante da com-posição que ele próprio deixa de tomar a com-posição como um ape-lo, que deixa de conseguir tomar-se a si próprio como aquele que é chamado a desencobrir, e, conseqüentemente a não compreender os modos que lhe indicam como ele ek-siste a partir da sua essência no âmbito do apelo, de modo a nunca poder encontrar-se apenas a si mesmo. (Heidegger [1954], 2008: 232)

É neste sentido que o “perigo” que subjaz à essência da técnica moderna se demonstra, para Heidegger, no modo como o ser humano da modernidade tardia tem vindo a ser afastado do seu lugar enquanto “ente privilegiado”. Ao passar para o lugar de simples compilador do “fundo-consistente”, o *Dasein* deixa de se compreender como o ente ao qual se dá o “vir-a-ser” do ainda não presente. Pois que, por força do “poder” que emana da essência da técnica moderna, o ser humano é, ele próprio, coagido a existir como uma parte do processo de provocação técnica da natureza, falhando na compreensão do apelo que a técnica lhe faz para “desencobrir” as essências na sua verdade. Em suma, o “perigo” que Heidegger encontra na essência da técnica moderna, manifesta-se como uma perda da “autenticidade” do *Dasein* enquanto “cuidador”

do “ser”. Desviando-o, por essa mesma via, do caminho que deveria seguir para ir ao encontro do “outro pensar”; de uma nova “metafísica”, livre de toda a fundamentação subjetiva.

2 — A linguagem como “acontecimento de apropriação” (*Ereignis*)

De que forma veio este “poder” inerente à “com-posição” impor-se como o paradigma de todo o pensamento moderno? Ou, por outras palavras, de que modo veio a essência da técnica moderna constituir-se como a própria essência da modernidade? São estas as questões aqui levantadas, e para as quais procuramos uma resposta. Pois que, na relação de interdependência que Heidegger entende que se estabelece entre a técnica moderna e a ciência moderna, é possível compreender como a essência da primeira se impõe sobre a concepção do “mundo” que é construída pela segunda. No entanto, a compreensão do modo como o “perigo” inerente à “com-posição” acaba por se manifestar na investigação científica, circunscreve-se como um domínio muito particularizado do conhecimento, não se mostrando, nessa correlação, em que sentido a essência da técnica moderna acabou por se impor como paradigma orientador de todo o pensamento desenvolvido para além dessa circunscrição académica em particular. No sentido de fornecer uma resposta a esta questão, torna-se, por isso, necessário compreender o papel que acaba por ser desempenhado pela linguagem no contexto da filosofia heideggeriana, sobretudo no que diz respeito ao modo como esta foi ser conceptualizada por Heidegger após a “inflexão” (*Kehre*) do seu pensamento. Tal como se compreende em *A Origem da Obra de Arte* ([1935], 2002: 78):

A linguagem, na sua representação mais corrente, é tida como um tipo de mediação. Serve para a conversação e para se chegar a acordo – para o entendimento em geral. Mas a linguagem não é apenas, nem primariamente, uma expressão sonora e escrita daquilo que há a comunicar. Não acontece que apenas veicule em palavras ou em frases aquilo que é manifesto ou o que está oculto, [que seriam] o que assim se quer dizer; acontece, pelo contrário, que é a linguagem que traz, em primeiro lugar, ao aberto o ente enquanto ente. Aí onde não está a ser nenhuma língua, como no ser da pedra, da planta ou do animal, não há também nenhuma abertura do ente e, por consequência, também não o há daquilo que não é do vazio.

Em Heidegger, a linguagem, do mesmo modo que a técnica, é também compreendida como um modo de “desencobrir” a verdade que se oculta nos entes. Pois que na concepção heideggeriana da linguagem enquanto “linguagem originária”, manifesta-se também uma essência *poiética*, pela qual se proporciona a “abertura de mundo” de que o *Dasein* necessita para levantar a questão sobre o “ser” que nele se manifesta. Sobretudo no que diz respeito aos textos que se seguiram a *A Origem da Obra de Arte*, a linguagem acaba por ser concebida pelo autor, não apenas como a “casa do ser”, mas como o próprio *Ereignis*, como o “acontecimento de apropriação” que prepara o advir de um novo pensamento; aquele que Heidegger designa como “outro pensar”, i.e., uma nova forma de pensar o “ser” que não se encontra acorrentada aos pressupostos de uma metafísica fundada sobre o sujeito.

Contudo, e mesmo ao compreender a linguagem como o “acontecimento de apropriação”, o autor acaba, também, por considerar que foi com o seu errar no decorrer da história da cultura ocidental – i.e., na realização da linguagem como “linguagem corrente” – que veio implementar-se o esquecimento da questão acerca do “ser” na filosofia, cujo sentido fundamental o autor considera que se encontra ainda guardado na “linguagem originária”. Na conceção heideggeriana da linguagem enquanto “linguagem corrente”, e na medida em que se encontra permeada pela história e seus pressupostos, a linguagem vem encobrir com o seu uso a “verdade” que lhe é inerente, assim como a possibilidade do seu questionamento no contexto do pensamento ocidental moderno. Neste sentido, e tendo em conta que, para Heidegger, se mostra de fundamental importância retomar da questão acerca do “ser”, mostra-se também, e por isso, fundamental uma transformação da “linguagem corrente” – i.e., da “linguagem do ente” – numa linguagem capaz de se constituir como “acontecimento de apropriação” – i.e., numa “linguagem capaz de *dizer* e, conseqüentemente, pensar o ser”. Tal como se pode compreender das palavras escritas por Heidegger em *Contribuições à Filosofia – Acerca do Acontecimento de Apropriação* ([1936-1938], 2003: 77):

Com a linguagem corrente, que é hoje cada vez mais amplamente mal empregue e mal falada, não se pode dizer a verdade do ser [*Sein*]. Poderá de algum modo ser dita de imediato se toda a linguagem for a linguagem do ente? Ou poderá encontrar-se uma nova linguagem para o ser [*Sein*]? Não. E mesmo se tal se conseguisse, mesmo sem a formação artificial de palavras, esta linguagem não diria nada. [...] Todo o dizer tem que fazer surgir conjuntamente a possibilidade de

ouvir. Ambos têm que ter a mesma origem. Deste modo, rege apenas uma coisa: fazer uso da mais nobre linguagem surgida na sua simplicidade e força essencial, a linguagem do ente como linguagem do ser [*Seyn*].

Uma vez que todo o pensamento é guiado pela abertura que lhe é proporcionada pela linguagem, para Heidegger, o pensar encontra-se, por isso, também sujeito aos preconceitos históricos que se têm vindo a inscrever sobre a linguagem. A conceção do “mundo” que caracteriza uma determinada época enquanto época do “ser”, encontra-se enraizada sobre a linguagem que se encontra aí em uso, determinando-se, “fácticamente”, sobre os diversos preconceitos históricos que a têm vindo a permeiar. A própria “língua”, enquanto manifestação ôntica da linguagem, para além de se delimitar sobre os pressupostos inerentes à tradição pela qual se desenvolve, acaba também por herdar dos preconceitos históricos que determinam a época em que é usada como a época que ela é, mostrando assim a sua permeabilidade histórica. A proposta heideggeriana de transformar a linguagem advém daqui, desta necessidade de transformar a “linguagem corrente” de acordo com o seu sentido “originário”. De resgatar o seu “poetar” essencial, para que a partir deste se torne possível ir ao encontro do “desencobrir” *aletheiológico* que nela se encerra, e que assim propicia o encontro com o “outro pensar”.

3. Língua de tradição e língua técnica: o “perigo” da língua como “com-posição”

Nesta relação de interdependência que, de acordo com o pensamento heideggeriano, se estabelece entre a linguagem e a época histórica onde vem a ser utilizada, poder-se-á também

compreender de que forma o “poder” da “com-posição” acaba por se impor sobre a linguagem, determinando, através dela, o pensamento que vigora no contexto da modernidade tardia. Por via da incessante expansão do pensamento técnico no contexto histórico que se inicia com a revolução industrial, este período da história acabou por ser determinado, nos seus mais variados âmbitos, pelas diretrizes que guiam o “descobrimto” provocador que é característico da “com-posição”. Neste sentido, i.e., na medida em que se encontra permeada pela história, a linguagem tem vindo a ser transformada, no curso da modernidade tardia, não como o “acontecimento de apropriação” do qual poderá advir o almejado “outro pensar” proposto por Heidegger, mas como “linguagem técnica”, subjugada aos pressupostos que emanam da supremacia paradigmática dos ideais de eficiência e produtividade que são impostos pela essência da técnica moderna.

Em 1962 Heidegger proferiu uma conferência na Academia de *Comburg* que acabou por dar origem ao seu texto *Língua de Tradição e Língua Técnica*. Neste, o autor apresenta esta “perigosa” correlação histórica que se tem vindo a estabelecer entre a técnica moderna e a “linguagem”, à luz da sua manifestação ôntica enquanto “língua técnica”. No decorrer do terceiro capítulo do texto heideggeriano ao qual se faz agora alusão, é construída uma distinção entre aquela que o autor denomina como “língua de tradição” e a já referida “língua técnica”. A primeira, segundo Heidegger, guarda o “poetar” que permite que o “mundo” se mostre no seu “ser”, guardando a identidade dos entes, assim como da “cultura” pela qual o *Dasein* se dá pela primeira vez conta da sua existência enquanto “ser-aí”. Por sua vez, a “língua técnica”, é

compreendida pelo autor como a concepção da “língua” enquanto “instrumento”, que, muito embora derive da primeira, acaba por ser conceitualmente delimitada como o meio pelo qual se proporciona a troca de informação entre os seus utilizadores.

Na transformação que Heidegger considera que tem vindo a ser feita da “língua de tradição” enquanto “língua técnica”, demonstra-se uma tendência de redução da “língua” àquela que se corresponde com a sua funcionalidade mais elementar: a do uso da linguagem como instrumento de transmissão de informação. Este processo de redução técnica da “língua”, obedece a um conjunto de princípios técnicos que procuram maximizar a sua eficiência enquanto *instrumentum*, construindo com eles uma concepção da “língua” que a determina sob o espectro da utilidade que esta poderá ter para um contexto de produção técnico-industrial. Com a transformação da “língua” em “língua técnica”, a comunicação acaba por ser reduzida às suas manifestações simbólicas mais concretas, unívocas, de tal modo que podem ser apenas usadas num sistema de comunicação também ele unívoco, tal como é o caso do moderno contexto de produção industrial. Para Heidegger, a “língua técnica” representa por isso o culminar desta concepção “instrumental” da “língua”, estando a “língua” nela despida de toda a polissemia inerente à sua natural utilização.

Com esta concepção da “língua” como transmissão informação, e muito embora nela se manifeste a forma como a “língua” tem vindo a ser academicamente compreendida no contexto da modernidade técnica, não vem, contudo, mostrar-se aquilo que Heidegger compreende que a “língua” é, i.e., aquilo que ela pode manifestar a partir da sua essência. Para Heidegger, “língua”, tal

como a própria “linguagem”, é, na sua essência, uma “abertura” para o “ser”, que apenas poderá interpretar-se quando se circunscreve a partir de uma conceção da “língua” enquanto “língua de tradição”. Com esta conceção, Heidegger procura demonstrar, não só, a oposição que a “língua de tradição” acaba por estabelecer com a “língua técnica” – uma vez que nela não se verifica uma tendência redutora do sentido –, mas também demonstrar como nesta se encerra o “poetar” que projeta o “mundo” através de um “dizer” (*Sage*) que lhe é próprio. Do mesmo modo que o refere relativamente à “linguagem”, também à “língua de tradição” lhe cabe a tarefa de “abrir” o “mundo” ao *Dasein* que nele se encontra lançado; de trazer os entes à existência na sua “verdade”, nomeando-os como algo que está “aí”. Tal como se compreende das palavras de Heidegger ([1962], 1995: 40),

[a]quilo que é aqui nomeado por língua “natural” – a língua corrente não tecnicizada –, nós denominámo-la no título da conferência por língua da tradição (*überlieferte Sprache*). Tradição não é uma pura e simples outorga, mas a preservação do inicial, a salvaguarda de novas possibilidades da língua já falada. É esta que encerra o informulado e o transforma em dádiva. A tradição da língua é transmitida pela própria língua, e de tal maneira que exige do homem que, a partir da língua conservada, diga de novo o mundo e por aí chegue ao aparecer do ainda-não-apercebido. Ora eis aqui a missão dos poetas.

Com a problematização heideggeriana da “língua” enquanto “língua técnica”, manifesta-se o “perigo” que subjaz à essência da técnica moderna, sobretudo quando se tem em conta como a eficiência que advém da transformação da “língua de tradição” em “língua técnica”, tem vindo a mostrar-se em domínios nos quais, normalmente, se faria uso da “língua da tradição”. Uma vez que a conceção instrumental da “língua” como “língua técnica” se mostra capaz de aprimorar a comunicação humana por via da sua simplificação, o seu uso tem vindo a generalizar-se cada vez mais, alcançando mesmo alguns dos âmbitos nos quais nunca antes seria utilizada, correndo a “língua de tradição” o risco de se perder ao longo deste processo, e com ela também toda a “cultura” que nela tem vindo a ser guardada.

É então neste sentido que, no apelo à racionalidade e eficiência pelas quais se tem vindo a impulsionar a transformação da “língua de tradição” em “língua técnica”, se manifesta também o “perigo” para o qual Heidegger procurou chamar a atenção com *A Questão Acerca da Técnica*. Pois que é pela força “com-positiva” que delimita a “língua” como “língua técnica” que o “poetar” que se encontra latente na “língua da tradição” pode vir a cair no olvido, arrastando consigo a possibilidade da transformação da linguagem como “acontecimento de apropriação” que esse mesmo “poetar” possibilita. Em suma, por força do “poder” que a “com-posição” exerce sobre a “linguagem”, a “transformação” capaz de encaminhar o ser humano ao encontro do “outro pensar” pode vir a dissipar-se da “memória coletiva” que se encontra guardada na “língua de tradição”, e que guarda, por sua vez, a manifestação ôntica daquela que Heidegger compreende como “linguagem originária”.

Referências

- Borges-Duarte, Irene (2014). *Arte e Técnica em Martin Heidegger*. Lisboa: Edições Sistema Solar (Documenta).
- Heidegger, Martin (2002). “A Origem da Obra de Arte” [1935], in, Heidegger, M. *Caminhos de Floresta* [1935-1946]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 7-94.
- (2003). *Aportes a la Filosofía – Acerca del Evento* [1936-1938]. Buenos Aires: Editorial Almagesto.
- (2008). “The Question Concerning Technology” [1954], in Heidegger, Martin, *Basic Writings* [1927-1964]. London - New York: Routledge, pp. 217-238.
- (1995). *Língua de Tradição e Língua Técnica* [1962]. Lisboa: Vega.